

PROCESSOS COGNITIVOS NA CONSTRUÇÃO NARRATIVA

Zélia Xavier dos Santos Pegado (UFRN)

zeliaxavier@supercabo.com.br

Carmen Brunelli de Moura (UnP)

carmenbm@bol.com.br

Introdução

Os estudos científicos avançam e a Linguística Cognitiva ganha espaço no campo de pesquisa, deixando pistas de um processo de construção realizado pelo sistema cognitivo humano em vários níveis. Dentre as investigações em decurso na área, destacamos as discussões acerca dos processos cognitivos que favorecem a compreensão de narrativas.

A narrativa é um recurso utilizado para facilitar a compreensão humana acerca dos aspectos físicos e sociais de tudo que nos rodeia. É um meio pelo qual expressamos, explicamos e compreendemos o mundo, no tempo e no espaço. No entanto, para que ocorra essa compreensão, é necessário que nos sirvamos de guias que, integrados às várias informações recebidas, auxiliam na compreensão e possibilitam a construção das representações cognitivas das situações narrativas. Dessa forma, entendemos que para a construção da representação mental da narrativa, o compreendedor integra as informações armazenadas às recebidas e constrói as novas representações.

Por esse prisma, concebemos que a compreensão da narrativa dá-se por meio de estruturas cognitivas articuladas por pistas linguísticas monitoradas pelo compreendedor no processo de compreensão. A partir dessas considerações, este artigo tem como objetivo descrever e analisar os processos cognitivos (esquemas imagéticos e *frames*) relacionados à atividade de compreensão do texto narrativo. Para isso, subsidiamo-nos no referencial teórico de Minsky (1975), com o conceito de *frame*; Johnson (1987) e Duque e Costa (2012), com esquemas imagéticos. Para tratar de narratividade, abordamos os conceitos de Barthes (1977; 2011), Labov e Waletzky (1967), Hutto (2008) e Turner (1997).

No que concerne ao procedimento metodológico, para que pudéssemos atingir o objetivo proposto, determinamos primeiramente as condições teóricas do modelo com o qual operaríamos nas análises, depois elaboramos uma sequência de procedimentos cujo propósito foi monitorarmos e construirmos o trabalho de análise da pesquisa. As análises foram conduzidas pelos guias linguísticos destacados nas construções, os quais nortearam a discussão acerca de como construímos os sentidos decorrentes das estruturas cognitivas no processamento cognitivo da narrativa.

1. A narrativa e a compreensão humana

Por mais que pensemos na narrativa como um relato no qual personagens estão envolvidos e que se movem num espaço, num tempo e num enredo, não podemos esquecer que as interações humanas, no meio social, acontecem por meio de narrativas. Em todos os tempos, as narrativas foram usadas para facilitar a compreensão humana acerca dos aspectos físicos e sociais do mundo, desde a forma mais primitiva a mais contemporânea, como das pinturas rupestres às narrativas eletrônicas, respectivamente.

Vemos também, que o mundo, os povos, as culturas, os fenômenos, ou o que quer que possa receber influência sociocultural, e que trate os conteúdos descritos pelo homem em sequência de ações e eventos organizados cognitivamente – numa ordem temporal – são conhecidos por meio de narrativas. Legitimamos o exposto, quando entendemos que, constantemente em circunstâncias do cotidiano, usamos a narrativa para compreender as

situações que nos rodeiam, seja num simples relato de encontro com uma amiga no shopping ou na complexa narração de um impressionante roteiro de filme. A praxe da narrativa tem uma relação tão estreita com a nossa capacidade humana que a usamos como/num processo interpretativo da vida cotidiana.

Dessa forma, no momento da leitura ou da escuta de uma narrativa, para compreensão e criação de mundo mesclamos informações, imaginamos realidades e construímos significados muitas vezes próprios de nossa cultura, utilizando-nos de processos mentais e princípios básicos de nossa experiência e de nossas memórias para organizar a história, de forma que seja projetada e imaginada. De fato, a narrativa parece ser um meio fecundo para conciliar o processo interpretativo de uma história com a compreensão que se tem de si, do outro e do meio em que se vive – artifício possibilitado pela capacidade imaginativa a partir das experiências pessoais.

Existem, consideravelmente, inúmeras discussões acerca do assunto, as quais têm trazido relevantes contribuições para o estudo linguístico da narrativa. Para demarcar uma discussão acerca deste fenômeno, destacamos alguns autores e discorremos acerca de algumas considerações concebidas por eles – fazendo alusão ao marco teórico em torno da concepção desse conceito, pontos de vista que se assemelham ou diferem quanto à opinião, conceitualização e estrutura narrativa.

Não adotando especificamente nenhum dos conceitos apresentados, cientificamos que neste trabalho concebemos a narrativa como um recurso humano pelo qual expressamos, explicamos e compreendemos o mundo, no tempo e no espaço.

Ao intentar a proposta de discussão acerca de estudos narrativos, considerando que não há um consenso para definir a palavra narrativa, perfilhamos conceitos postulados por Barthes (1977; 2011), Labov e Waletzky (1967), Hutto (2008) e Turner (1997), delimitando-os a abordagens que favorecem na compreensão da estrutura narrativa e domínios narrativos por meio da cognição humana.

Segundo os autores, a estrutura da narrativa é formada por orações que se conectam a eventos temporais do discurso relatados por quem conta a história, por isso as narrativas são necessariamente organizadas pelos elementos referidos das categorias narrativas. Além disso, os autores também estabeleceram que nem todas as histórias contêm os mesmos elementos e podem ocorrer em sequências diferentes.

Ao examinarmos as concepções de narrativa entre esses autores, percebemos que a diferença é mínima, e que são unânimes na ideia de que as narrativas se organizam a partir de experiências sistematizadas em uma sucessão integrativa de acontecimentos, numa sequência espaço temporal. No entanto, devemos distinguir as contribuições de cada um.

Para Barthes (1976), a narrativa é resultante da busca de pluralidade que atravessa todo o texto narrativo uma vez que é organizado em instâncias que se integram em níveis. É nesse sentido que se diferencia dos outros autores, quando resume a narrativa em três níveis de descrição: o nível das funções; o nível das ações e o nível da narração. Segundo o autor, para compreender uma narrativa é necessário projetar os encadeamentos. Então, integrando o nível da função e o da ação temos o nível da narração, no qual se constitui o sentido da narrativa.

Enquanto na concepção barthesiana a estrutura narrativa se organiza em três níveis, na teoria laboviana (Labov e Waletzky, 1967), a narrativa é dividida em seis elementos estruturais, – resumo, orientação, complicação, avaliação, resolução e coda – cada um deles composto de unidades mínimas de narração. Para esses autores, a narrativa é uma prática discursiva de recapitular experiências passadas, combinando uma sequência verbal de orações em atividades conversacionais de falantes reais em contextos sociais reais. Também afirmam que as experiências fazem parte da narrativa. Para eles, ao analisarem sistematicamente as histórias contadas em conversas ou experiências pessoais, os sujeitos se envolviam mais com

a narração e não controlavam tanto sua fala, deixando que esta fluísse espontaneamente. Isso foi o que possibilitou a identificação dos seis traços recorrentes que sustentam a narrativa natural. Daí considerar a narração como uma prática discursiva.

Para Hutto (2008), utilizamos a narrativa para explicar a nossa existência, compreender a nós mesmos, as nossas ações, e a dos outros. Essa habilidade é adquirida desde a infância de forma sociocultural, por meio de contos de fada, narrativa infantil, conversas etc. que transmitem crenças, desejos, a esse fenômeno o autor chama de Psicologia Popular. Com isso, ele sustenta que a forma de aprendermos a compreender os desejos, emoções e as razões nas práticas de contar histórias e aplicarmos no cotidiano acontece por meio da Hipótese da Prática Narrativa. De acordo com essa defesa de Hutto, percebemos que as narrativas estão estruturadas a partir dos fenômenos da Psicologia Popular e da HPN.

Por fim, destacamos Turner (1997) que numa perspectiva cognitivista desvincula a narrativa como exclusividade literária e a apresenta como resultado de nossa cognição. Justifica essa afirmação quando enuncia que a narrativa estabelece operações mentais básicas – projeção, mescla –, a partir do que percebemos do mundo e das ações dos outros. Dessa forma, elenca as operações cognitivas humanas consideradas universais, a saber, identidade, integração e imaginação como elementos nos quais as narrativas se estruturam.

Diante do exposto, podemos constatar que o viés comum entre esses autores, mesmo em áreas de diferentes, é o fato trabalharem com narrativa e o de a considerarem universal. No entanto, há outro traço muito forte: a apreensão de que o processamento cognitivo para a construção de sentido na narrativa ocorre alinhado ao contexto sociocultural, estabelecido a partir de experiências corporais e motoras. Fazem parte dessa concepção adotada na linguística cognitiva corporificada estruturas cognitivas como os esquema imagéticos e *frames*, descritos a seguir.

2. Os processos cognitivos na compreensão narrativa

As estruturas de modelos cognitivos são construídas a partir de conhecimentos adquiridos por meio da interação social e das experiências corporificadas.

Johnson (1987) apresenta uma concepção na qual explora as maneiras que o sentido, a compreensão, a racionalidade surgem e são condicionados pelos padrões dessa experiência. O autor desenvolve uma teoria em que a imaginação liga estruturas cognitivas sociais e corporais, ou seja, a integração corpo e mente a partir de domínios experienciais, os esquemas de imagem.

2.1 Esquemas imagéticos

Segundo Johnson (1987), o esquema imagético é uma estrutura recorrente das nossas experiências sensorio-motoras com as quais construímos padrões dinâmicos de compreensão para as noções de orientação corporais através do espaço, da manipulação de objetos, nas interações perceptivas de forma etc.

Entre as estruturas mentais continuamente construídas, ele destacou uma variedade particular, originada de nossa experiência sensorio-motora cotidiana, a que denominou de esquemas imagéticos. Entre alguns exemplos de esquemas imagéticos descritos pelo autor destacamos: CONTÊINER, PARTE/TUDO, ORIGEM/CAMINHO/META, ESCALA, CENTRO/PERIFERIA, LIGAÇÃO.

Convém que discorramos acerca de cada um desses esquemas para compreendermos como eles podem estar relacionados às nossas experiências e compreensão de sentido.

a) Esquema imagético CONTÊINER

Para que concebamos e compreendamos enunciados construindo significados a partir do esquema imagético CONTÊINER, mentalizamos que há um espaço interior demarcado por um limite ou fronteira e outra parte exterior. Em termos de compreensão e apreensão das situações cotidianas pela corporalidade, associamos esse conhecimento ao nosso corpo e o concebemos e experimentamos como se fosse contêiner, em que os tecidos e a pele são os limites dos nossos órgãos, por exemplo. Tentemos imaginar como seria esse esquema a partir da figura abaixo.

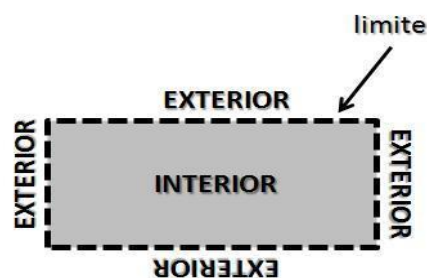


Figura 1: Esquema CONTÊINER
Fonte: Duque e Costa (2012, p. 78)

Na figura 1, vemos o limite que separa o exterior(fora) do interior (dentro). Essa percepção faz entender que se trata de um recipiente no qual podemos colocar algo dentro. É por essa limitação das fronteiras separando as partes internas e externas e a visão de algo dentro do recipiente que constituímos o esquema CONTÊINER.

b) Esquema imagético ORIGEM/CAMINHO/META

Esquema imagético também é arquitetado a partir de experiências corporais. Em virtude do acionamento de palavras e/ou expressões que nos façam experimentar situações de locomoção em direção a um percurso e fim aparente, podemos dizer que há um deslocamento do corpo em que um trajector claramente definido deixa um marco espacialmente delimitado em direção a outro. Conforme figura a seguir



Figura 2: Esquema ORIGEM-CAMINHO-META
Fonte: Duque e Costa (2012, p. 82)

Por meio dessa figura, podemos perceber que há um percurso indicado pela linha tracejada do ponto A ao ponto B, o seu fim aparente. É a partir dessa concepção de imagem que podemos dizer que há um deslocamento do corpo.

c) Esquema imagético PARTE/TODO

A nossa compreensão de mundo também se expande de forma que, levando para a cognição corporificada, nos favorecemos de nossas experiências e reconhecemos que o nosso corpo é formado por vários membros e que estes constituem formas elementares para formação do todo. Conforme essa percepção, experimentamos o nosso corpo como um TODO constituído por suas PARTES (cabeça, tronco, braços, pernas etc.). Essa experiência é expandida de forma que percebemos a estrutura PARTE/TODO em diversos seres e objetos existentes no ambiente em que vivemos.

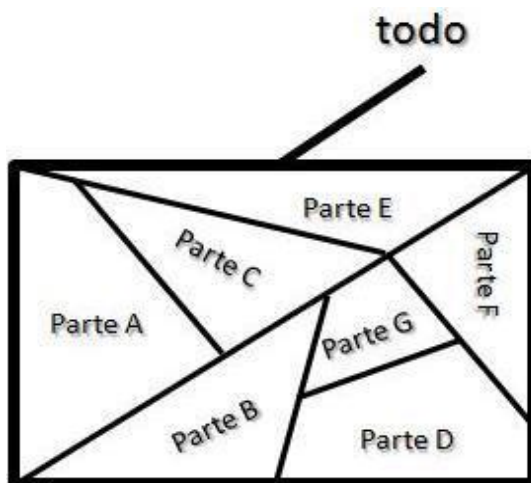


Figura 4: Esquema PARTE/TODO
Fonte: Duque e Costa (2012, p.79)

Conforme figura 3, temos a noção da parte e do todo, isto é, podemos ver que o TODO é constituído das PARTES que a ele se integram.

d) Esquema imagético CENTRO/PERIFERIA

Considerando a forma como esse esquema se estrutura, experimentamos nosso corpo como se tivesse centro e periferia. Transposto para o estudo das construções, na comparação enquanto cognição corporificada, temos o centro que é o tronco e a periferia como sendo os órgãos mais afastados desse centro como os dedos, os cabelos e os pés. Na perspectiva linguística, no que diz respeito a constituição dos sentidos sobre a corporalidade, estendemos essa compreensão através das experiências que moldam as situações. Conforme visualização da figura 4.

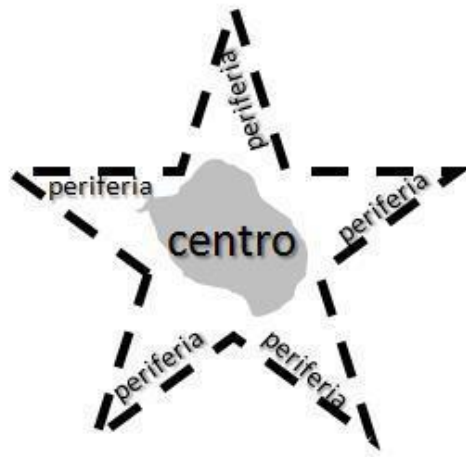


Figura 4: Esquema CENTRO/PERIFERIA
 Fonte: Duque e Costa (2012, p.81)

Com a representação do esquema na figura da estrela, facilmente deduzimos sua referência, quando identificamos o meio da ilustração como o CENTRO e cada extremidade da estrela a PERIFERIA.

e) Esquema imagético ESCALA

Quando enchemos um recipiente com determinada substância, água por exemplo, à medida que o fazemos, percebemos que o volume de enchimento aumenta. Essa experiência demonstra notoriamente que há uma proporcionalidade entre os objetos/coisa ou situações relacionados que podemos incorporá-los de diversas maneira – graus, intensidades, direcionalidade etc. – perceptíveis pelo nosso corpo. O esquema ESCALA também apresenta uma característica cumulativa. Como ilustra a figura 5.

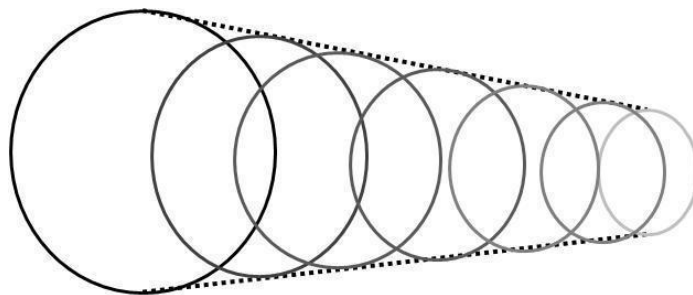


Figura 5: Esquema ESCALA
 Fonte: Duque e Costa (2012, p.82)

A figura do esquema ESCALA mostra-nos a relação proporcional e dimensional entre um arco e outro. Com a qual podemos construir orientações para representações de objetos, situações de intensidade, de graus e de direcionalidade.

f) Esquema imagético LIGAÇÃO

Associando ligação a uma espécie de vínculo que se cria entre duas partes, facilmente conseguimos depreender situações que inspirem ligação. Quando uma entidade se liga a outra por associação, relacionamento ou atributo. Temos também como fundamento para nossa experiência corporal, a primeira experiência física do cordão umbilical, a experiência de elos na infância etc. resulta da capacidade perceptiva de interação entre duas entidades que se ligam.

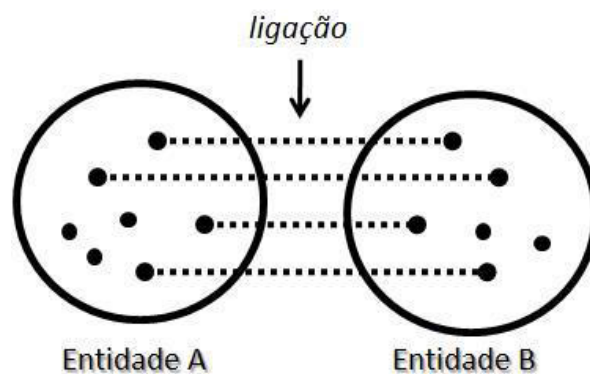


Figura 6: Esquema LIGAÇÃO
Fonte: Duque e Costa (2012, p.80)

Vemos na figura acima a Entidade **A** ligada a Entidade **B** por meio de linha pontilhadas, estabelecendo o elo de ligação entre as entidades. Esse liame podendo ser constituído como sendo ligações afetivas, associativas etc.

Diante do exposto, percebemos que a cognição passa pelas experiências corporais, passando pela criação de esquemas imagéticos. Contudo, cabe também mencionar que os esquemas imagéticos não operam de forma isolada e que em composições proposicionais pode apresentar mais de um esquema.

2.2 Frames

No estudo de *frames* destacamos os estudos feitos por Marvin Minsky na década de 1970. Para Minsky (1974), um *frame* é uma estrutura de dados para representar uma situação estereotipada, por exemplo, uma sala de aula. Sabemos como esse ambiente se compõe e se organiza. Já está estereotipado em nossa mente.

Da mesma forma de outros sistemas de estrutura cognitiva, os *frames* são uma tentativa de representar de forma estruturada o conhecimento armazenado na memória sobre o mundo. Para tanto, anexado a cada *frame* um conjunto de informações é apresentado: a) algumas são como utilizar o *frame*, saber o que compõe determinada situação, b) outras são sobre o que se acredita ser possível perceber ou acontecer em determinada cena, como, por exemplo, alguém se dirigir para um carrinho de sorvete, c) algumas sobre a captura das propriedades de conhecimentos compartilhados sobre pessoas, eventos e ações. Como seria representar essa situação estereotipada? Em uma situação presumida, por exemplo, vamos visualizar como seria essa representação mental. Podemos imaginar “ir a uma festa de

aniversário de criança”. Vamos pensar a respeito de como representamos mentalmente esse evento e descrevê-lo. Para melhor visualizar, traçamos um quadro para nos auxiliar na compreensão.

Quadro 01: Representação dos *frames* para o evento festa infantil

Exemplo	Informações que compõe o <i>frame</i>		
	Informações de como utilizar o <i>frame</i>	Informações sobre o que se acredita ser possível perceber ou acontecer em determinada cena.	Informações sobre a captura das propriedades de conhecimentos compartilhados sobre pessoas, eventos e ações.
Ir a uma festa de aniversário de criança	Balões, presentes, decoração de festa, brigadeiro, docinhos, refrigerante, bolo, lancheirinhas	Hora do parabéns (apagar a vela) Fotos (registros da festa)	Ambiente festivo, decorado, com crianças correndo, pessoas sentadas conversando, música

Conforme descrito no quadro, vimos que pelas experiências, pelo conhecimento já sabemos o suficiente para “esperar” o que encontraremos na cena. De acordo com Duque e Costa (2012b, pág.110),

Um *frame* é compreendido como um conjunto de *slots* que descrevem os atributos (*facets*) dos “objetos” em diferentes contextos (*views*). Sempre que um *frame* é processado, um conjunto de *slots* é automaticamente preenchido com valores- padrão (*default*) para aquela situação, embora esses valores possam se alterar ao longo do processamento discursivo. Os *frames* devem ser pensados, portanto, como estruturas dinâmicas, tendo em vista que são continuamente confrontados com as experiências e revistos. De qualquer modo, a fala, o gesto ou o movimento não fariam sentido na ausência de qualquer *frame*.

Para os autores, os espaço de preenchimento chamamos de *slots* são feitos com propriedades ou qualidades específicas de cada situação, os valores padrão, que como fora explicitado antes podem ser atualizados durante o processo de compreensão, caracterizando a dinamicidade dos *frames*. De forma geral, vimos que o *frame* não acontece isolado, há representações continuamente combinadas com as informações existentes de um conjunto de elementos (relacionados com cada experiência sensorio-motora) e uma estrutura (que contém as propriedades e as relações que os elementos mantêm entre si).

3. Compreensão da narrativa: dos guias linguísticos à análise

Quando nos envolvemos nas histórias, deixando que as emoções, a surpresa, a agonia, as escolhas, as falas e as ações dos personagens sejam compartilhadas e experienciadas – levando-nos a sair do imaginário e a refletir acerca de atitudes referentes à vida real –, somos

impelidos a refletir acerca de situações que acontecem nas narrativas e associá-las às situações de mundo.

A compreensão e construção de sentido das coisas que nos cercam são propiciadas pela dinâmica da integração das estruturas cognitivas armazenadas em nossa memória com a organização das identidades por nossa imaginação. Para que feitos como esse aconteçam em nosso cotidiano, operações cognitivas complexas são acionadas com intuito de integrar informações que desencadeiem o processo de produção de sentidos.

Visando explicar como os processos cognitivos se desencadeiam e possibilitam a construção de sentido e compreensão de narrativas, mostramos uma produção na qual fazemos a descrição e análise dos processos cognitivos. A narrativa escolhida é constituída como página de diário, mas produzido em sala de aula. A escolha deu-se por nela conter relatos pessoais que mesmo estando permeado com elementos constitutivos das realidades ficcionais, estão cheios de vivências experienciais dos produtores dos textos que contam momentos imaginários de suas vidas advindas de estruturas de conhecimentos socioculturais.

As análises foram conduzidas pelos guias linguísticos destacados na narrativa, os quais nortearam a discussão acerca de como os compreendedores constroem as representações mentais decorrentes de estruturas de eventos no processamento cognitivo da narrativa. Para tratar dessas questões, apresentamos uma narrativa e, em seguida, a descrição e análise dos processos cognitivos.

Itália 10/junho de 2005¹

Querido diário,

Hoje de manhã estava na escola (1). Quando cheguei em casa meu pai tinha acabado de chegar do trabalho,(2) ele disse que queria falar uma noticia muito boa(3) depois do almoço. Tudo bem!

Quando acabamos de almoçar ele disse que íamos mudar de país! Pois ia ser gerente de uma filial no Brasil! (4) Todos ficaram felizes, mas eu então pensei:

- Como vai ficar meus amigos?(5) Será que nunca mais os verei de novo?

Eu não acreditei mais depois cai na real, fiquei assustada e muito triste, (6) mas se é assim, vamos lá! Sentirei muitas saudades daqui (7) e principalmente dos meus amigos e amigas!

Hoje era só isso que tinha para falar diário. Espero ter um bom dia amanhã! Apesar de que só tenho três [3] semanas para organizar as coisas e partir ao Brasil.(8)

Ass. Paola

A narrativa inicia situando o compreendedor numa dimensão espaço temporal, levando-o a inferir que uma sequência de eventos discorrerá. O compreendedor, assumindo a perspectiva do narrador, é conduzido pelas pistas linguísticas monitorando os eventos na narração.

Na situação “Hoje de manhã estava na escola” (1), por meio do dispositivo dêitico “na escola”, há a ativação de *frames* que estão ligados aos atributos de cenário e roteiro. É possível reconhecer os elementos que compõem o cenário escola (como alunos, professor, etc.) no qual situações escolares podem ser simuladas. Nessa mesma construção também

¹ O texto foi transcrito conforme produção do autor.

podemos identificar o esquema imagético CONTÊINER, que possibilita a visão interna do cenário, uma sala de aula que contém carteiras, lousa, alunos, professor.

Seguindo a narrativa, na construção “quando cheguei em casa meu pai tinha acabado de chegar do trabalho” (2), verificamos a ativação conjunta de *frames*(cenário) e esquemas imagéticos (ORIGEM-CAMINHO-META, CONTÊINER). Para validar a classificação em relação ao primeiro esquema, dizemos que há uma construção de representações mentais acerca do deslocamento, um percurso do narrador (escola/casa) e do pai (trabalho/casa), o que é compreendido pela experiência motora de locomoção. Por sua vez, essas representações são atualizadas, de forma que com a chegada do pai do trabalho e do narrador em casa, experienciamos o segundo esquema, temos o *frame* de família, o ambiente familiar, os ambientes, a disposição dos móveis etc., e, a partir de experiências vivificadas, construímos um modelo de situação de convívio de família.

Na narrativa, o fato de o pai ser gerente no Brasil faz com que seja inferido que houve uma transferência do local de trabalho. A partir do locativo “no Brasil”, assumindo a perspectiva do narrador, o compreendedor infere que a transferência será para o Brasil, então o esquema ORIGEM/CAMINHO/ META novamente é ativado. Essa compreensão é possível pela relação feita da localização “Itália” no início no texto, informação característica do gênero diário.

No percursos da narrativa, a situação (8) “apesar de que só tenho três [3] semanas para organizar as coisa e partir para ao Brasil” ativa o esquema imagético ORIGEM/CAMINHO/META, que é compreendido pela ação do verbo *partir* que sugere viagem e com a qual simulamos ações de locomoção de pessoas em que há um trajetor e um trajeto a ser seguido. Na situação a família caracteriza esse elemento trajetor (entidade que faz o trajeto), o percurso a viagem, o ponto de saída (ORIGEM) a Itália e o ponto de chegada, desejado META o Brasil.

Assim, durante a apresentação e análises das situações descritas da narrativa, vamos percebendo como as estruturas cognitivos vão-se integrando ao processo de compreensão da narrativa, como o compreendedor se posiciona na narrativa, a representação mental que feita a partir dos *frames*, enfim, a construção de sentido que é feita com base nas informações textuais e nos conhecimentos do mundo real.

Conclusão

A partir do ponto de vista mostrado no trabalho e o que foi verificado, não há mais como não corroborar que as experiências pessoais fazem parte da compreensão e interpretação das situações cotidianas. Pelas situações descritas na narrativa e pelas análises depreendidas, constatamos que o acesso à sua interpretação foi permitido pelos domínios cognitivos estabelecidos pelas experiências culturais e sensório-motoras, o que possibilitou que o compreendedor reconhecesse as entidades psicológicas envolvidas na narrativa e as mudanças ocorridas nos eventos.

A análise aponta-nos que – apoiados nas pistas linguísticas fornecidas pela narrativa, nos conhecimentos, tanto do mundo real como de ficção, e no enredo descrito pelo autor –, os compreendedores inferem sobre os personagens, os lugares que possivelmente tenha experienciado e constroem suas representações mentais.

Dessa forma, vimos que os eventos narrativos são representados mentalmente pelo compreendedor, a partir da perspectiva assumida, e que durante a leitura da narrativa quando se deixa envolver é guiado e levado a assumir uma posição no mundo da narrativa, de maneira que aciona conhecimentos prévios, experiências corpóreas sensório-motoras e integra às

informações da narrativa, de forma que resultam na compreensão dos eventos narrados e na criação e representação mental.

Com este trabalho esperamos contribuir para compreensão do fenômeno linguístico pesquisado, bem como para a formação de um olhar mais depurado acerca da construção de modelos de situação e a compreensão de textos narrativos.

Referências Bibliográficas

BARTHES, Roland. *Introduction to the Structural Analysis of Narratives*, in: Image-Music-Text .London: Fontana.1977

BARTHES, Roland et al. *Análise estrutural da narrativa: pesquisas semiológicas*. Tradução de Maria Zélia Cardoso Pinto. 7a Ed. Petrópolis: Vozes, 2011

DUQUE, Paulo Henrique; COSTA, Marcos Antonio. *Linguística Cognitiva: em busca de uma arquitetura de linguagem compatível com modelos de armazenamento e categorização de experiências*. Natal: EdUFRN, 2012.

HUTTO, Daniel D. *Folk Psychological Narratives: the sociocultural basis of understanding reasons*. Massachusetts Institute of Technology, 2008.

JOHNSON, Mark. *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination and reason*. The University of Chicago Press: Chicago, 1987.

LABOV, William. *Uncovering the Event Structure of Narrative*. Georgetown University Round Table(Georgetown: Georgetown University Press). 2001. Disponível em: <http://www.ling.upenn.edu/~wlabov/uesn.pdf> . Acesso 9 jan. 2014

LABOV, William. *A structural analysis of narratives*: Lyon, 8 abril 2013. Marie-Agnès Gay, University Lyon

LABOV, William; WALETZKY, Joshua. *Narrative analysis*. In J. Helm (ed.). *Essays on the Verbal and Visual Arts*. Seattle: University of Washington Press, 1967. p. 12-44.

MINSKY, Marvin. *A Framework for Representing Knowledge*, Reprinted in *The Psychology of Computer Vision*, P. Winston (Ed.), McGraw-Hill, 1975.

TURNER, Mark. *The Literary Mind: The Origins of Thought and Language* . Oxford University Press, 1997